

O potencial do design para reduzir os impactos da crise migratória dos refugiados de guerra

Gabriel Vilela Pinho Guimarães

“THE POTENTIAL OF THE DESIGN TO REDUCE THE IMPACT OF THE MIGRATORY CRISIS OF WAR REFUGEES”

RESUMO:

Este artigo foi desenvolvido como base de estudos para a realização de projeto final de graduação do Curso de Design de Mídias Digitais da PUC-RIO. Apresenta um diálogo entre o Design e as Ciências Sociais e Políticas para levantar, e tentar responder, algumas questões em favor de ações estratégicas para minimizar os impactos da crise migratória dos refugiados da guerra na Síria e das nações submetidas à recepção dessas pessoas. Discorre sobre os conceitos de cidadania global e como essa percepção de mundo está cada vez mais inserida nas Ciências Humanas.

Palavras-chave: Globalização, cidadania, cidadão global, design, refugiados, guerra

ABSTRACT:

This article was developed as baseline study for the realization of the final project of the Graduate Degree Course of Digital Media Design at PUC-RIO. It features a dialogue between Design and Social and Political Sciences to raise and, try to answer, some questions in favor of strategic actions to minimize the impact of the migratory crisis of war refugees in Syria and nations committed to receive these people. It discusses the concepts of global citizenship and how this perception of the world is increasingly inserted in the Human Sciences.

Keywords: Globalization, citizenship, global citizen, design, refugees, war

INTRODUÇÃO - UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA CRISE DE REFUGIADOS DA SÍRIA

A atual guerra na Síria teve origem em 2011 quando ocorreram uma série de protestos após a prisão e tortura de um jovem que pintava slogans revolucionários contra o governo totalitário de Bashar Al-Assad.

O governo interviu com força militar contra as manifestações, porém isso aumentou o número de manifestantes. Desde então, os opositores ao governo têm respondido de forma violenta ao ato militar estatal - o que levou a uma sucessão de atentados que mergulharam o país a uma guerra civil onde a população se vê ameaçada por duas frentes de ameaça pelo poder.

A guerra tomou proporções maiores quando incorporou razões religiosas, se transformando em um conflito declarado entre sunitas e xiitas; envolvendo também outros países vizinhos, tomando dimensões internacionais.

Grupos radicais jihadistas cresceram em número e espalharam o terror, com campanhas de apoio à causa rebelde que incluíam decapitações e execuções públicas.

Devido à falta de condições de vida, cidadãos sírios não enxergaram muitas possibilidades: ficar e sofrer as tensões das perseguições religiosas; serem vítimas do uso de armas químicas, ataques e atentados militares; ou arriscar suas vidas em perigosas travessias, para tentar encontrar paz além das fronteiras de seu país de origem, portando poucos pertences com suas famílias.

A migração maciça do contingente populacional elevou a pressão demográfica nos países vizinhos. Países europeus como Bélgica, Alemanha, Croácia se tornaram os destinos mais visados pelos refugiados. Segundo o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas), o número de refugiados que se arriscam na travessia entre Síria e Europa já passa dos 4 milhões. Dentre os riscos aos quais essas pessoas se expõem, estão: travessias marítimas durante à noite em balsas superlotadas e com altos índices de naufrágio; extorsão por meio de traficantes, que vendem vagas nessas embarcações; tráfico humano; ciladas de grupos extremistas, por terra ou vias marítimas, e condições precárias de sobrevivência. Segundo a ACNUR, os problemas enfrentados pelos peregrinos de ordem física são: a fome, o frio, a falta de cuidados médicos e agressão por parte de grupos extremistas. Além disso, existe uma pressão psicológica que marca a passagem dos itinerantes que, ao passar por algumas cidades, são recebidos de forma hostil. Porém, há também cidadãos nativos que buscam ajudar essas pessoas e minimizar seu sofrimento na busca por segurança e uma vida mais digna, oferecendo água, mantimentos e outras doações.

Os problemas enfrentados por esses migrantes evidenciam uma falta de preparo da Comunidade Internacional para lidar com situações complexas como essa, que se relaciona com questões de ordem filosófica, moral e prática. Baseado em autores dos campos da Antropologia, Sociologia e do Design, este artigo relaciona essas áreas do conhecimento para responder a principal questão: “Qual o papel do Design frente a crises humanitárias como a dos refugiados da guerra atual da Síria? ”. Para tal, esse estudo se estruturou buscando: 1) Relacionar o Design às Ciências Sociais e aos Direitos Humanos a partir de conceitos-chave; 2) Levantar discussões e ensaios sobre a atuação do Design nessas áreas; 3) Apresentar exemplos de iniciativas que utilizam-se do Design para promover ações positivas em relação a refugiados; 4) Apresentar uma conclusão.

O DESIGN E OS REFUGIADOS. QUESTÕES PERTINENTES PARA UM PROBLEMA COMPLEXO

O Direito Humano de buscar asilo.

O direito de “buscar asilo” em outro Estado é garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países.” Artº 14º, nº1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948.

A Convenção dos Refugiados de 1951, estabeleceu o ACNUR e determina que um refugiado é alguém que “temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país(...) Eles não possuem proteção de seu próprio Estado e de fato muitas vezes é seu próprio governo que ameaça persegui-los. Se outros países não os aceitarem em seus territórios, e não os auxiliarem uma vez acolhidos, poderão estar condenando estas pessoas à morte ou a uma vida insuportável nas sombras, sem sustento e sem direitos.”(ACNUR).

Uma grande questão da migração é que não somente refugiados estão envolvidos nesse processo, mas milhões de migrantes econômicos, o que torna o problema cada vez mais complexo. Diferentemente dos refugiados que necessitam fugir para salvar suas vidas ou preservar sua liberdade, os migrantes econômicos decidem deslocar-se a fim de melhorar as perspectivas de vida para si mesmos e para seus familiares.

O cidadão global: os desafios e questionamentos de uma nova percepção de mundo.

As consequências das ‘quebras de fronteiras’ vão além das questões e leis das relações internacionais. Com o mundo mais ‘próximo’ do que nunca através das relações políticas e econômicas, vivenciamos um momento de crises e problemas que, de locais, se tornam globais em um curto período. A economia, a cultura, o meio ambiente, a saúde pública, enfim, tudo é influenciado mesmo que de forma indireta por fatores como: imigração, guerra, crises econômicas, pressão demográfica, fome, etc. As relações interpessoais e entre as pessoas e os objetos também são ressignificadas diante desse processo.

Dessa forma, a globalização traz consigo uma discussão em que se faz pertinente questionar o conceito de Cidadania ‘quanto forma de legitimação do que é de responsabilidade nacional’ e ‘quanto a definir um veículo de integração social em que os homens podem se apoiar’ - em condutas, princípios do “agir de forma correta” - independente do Estado nacional ao qual pertença.

Segundo Paulo Renato Souza, em sua publicação *A Revolução Gerenciada: Educação no Brasil o conceito de cidadania se amplia para além da Nação:*

Os sistemas de ensino precisam preocupar-se com a formação do cidadão de um mundo global no qual são centrais temas como pluralidade cultural, paz, violência, disparidades sociais, meio

ambiente, consumo, saúde, drogas, etc. (...) O cidadão tem agora a possibilidade de agir de forma independente dos estados nacionais. (...) Formar o cidadão global passou a ser um grande e novo desafio para os sistemas educacionais. (Souza, 2007, p. 84)

Para Liszt Vieira o cidadão global traz consigo uma “noção de sustentabilidade, fundada na solidariedade, na diversidade democrática e nos direitos humanos, em escala planetária.”(Vieira, 2001, p. 253).

Bryan Turner, professor da Universidade de Nova York, USA, e editor-fundador da revista *Citizenship Studies* define Cidadania como “o conjunto de práticas - jurídicas, políticas, econômicas e culturais - que definem um indivíduo como membro competente da sociedade e, como tal, dá forma ao fluxo de recursos entre indivíduos e grupos sociais”. (Turner, 1993)

Jorge Frascara, renomado designer argentino, se apropria dessa definição em seu artigo *Comunicação para mudança: estratégias e dificuldades*, onde fala do potencial transformador da comunicação e do design como atividades que podem gerar nas pessoas uma voz ativa e participação atuante nas questões que Liszt também cita como importantes. Em *The Dematerialization of Design*, Frascara também destaca (e se inclui) nas demandas e tendências atuais sobre objetos de design: “temos de começar a pensar neles como meios para pessoas agirem, realizarem seus desejos e satisfazerem suas necessidades. Temos que servir às necessidades das pessoas: os objetos de design devem ser vistos apenas como meios.” (Frascara, 2006. webpage)

Sendo assim, podemos tomar o cidadão global como co-autor e não mero espectador das ações do Estado. Sua liberdade intelectual é altamente valorizada como formadora de juízos de valor - que incrementam as relações com o mundo e capacitam a sociedade civil para ser mais consciente, resiliente e capaz de decidir por valores fundamentais, legislações mais justas e ações mais inteligentes, a fim de cobrar o mesmo avanço do poder público.

Em relação à supremacia do Estado e à esfera pública, Hannah Arendt, filósofa que já foi refugiada, em seu livro *A Condição Humana*, discorre dentre outros assuntos sobre a relação entre as esferas do que é Público e do que é Privado e fala sobre a “submersão de ambas na esfera social”. Ela discorre sobre as consequências dessa discriminação para a condição humana, do desaparecimento de ambas a partir do momento em que a esfera pública se tornou o propósito da esfera privada, e a esfera privada como o resultado de uma preocupação comum entre os homens.

Então, como fica a questão dos refugiados da Síria

Primeiramente, é preciso reconhecer que a preservação dos direitos privados para esse público está comprometida, desde o momento em que sua liberdade de escolhas de vida por uma religião, identidade e modos de se expressar estão ameaçados.

Através da articulação entre todos os setores da sociedade e do Estado há o reconhecimento da preservação dos direitos privados através da solidariedade. Diante disto, surge um dever iminente de conscientização da sociedade de que é necessária a assistência humanitária a esses grupos. Pois eles também são cidadãos globais.

Como, mesmo sendo todos cidadãos globais, podemos viver em harmonia com os choques culturais de diferenças linguísticas e de valores?

Dentre grandes discussões que essa pergunta pode trazer à tona, dois princípios que tomam grandes proporções nas Ciências Sociais e no Design podem vir a ajudar na superação de problemas relacionados a essas diferenças. São eles, a empatia e a alteridade.

A alteridade é um termo abordado pela filosofia e antropologia como a capacidade de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, considerando a identificação para dialogar com ele. É “o estado do ‘outro’, do diferente; uma propriedade do que é em um grupo concebido como o ‘outro’. Por exemplo, um grupo migrante de sul-asiáticos que vive em Londres pode ser concebido como marcado pela alteridade.” (Morris, 2012)

Roman Krznaric, membro da *School of Life* em Londres, descreve empatia como “a arte de calçar, na imaginação, os pés nos sapatos de outra pessoa, compreendendo seus sentimentos e perspectivas, e utilizando esse entendimento para guiar suas ações”. (Krznaric, 2015)

Ainda em seu livro Krznaric endaga uma questão: “*Podemos projetar uma porta para que alguém com artrite ache-a fácil de abrir?*”. Ora, se o Design centrado na pessoa humana se arrisca em atuar, respondendo positivamente a essa questão, poderíamos estendê-la a uma série de outras situações; incluindo a dos refugiados. “*Podemos projetar soluções, produtos e serviços para pessoas refugiadas de guerra?*”.

Não sejamos ingênuos. Os problemas gerados pelo enorme contingente populacional de Sírios na Europa não podem ser resolvidos apenas com estratégias psicológicas que minimizem as consequências dos fatos. E nem podemos encarar o Design como a solução para todas as questões levantadas sobre o assunto. “Estamos acostumados a ouvir que designers são solucionadores de problemas (...) Nós não necessariamente resolvemos problemas, nós os reduzimos” (Frascara, 2006). Mas, de certo que, enquanto houver preconceito, discriminação, assédio moral e xenofobia para com esses grupos necessitados, a situação só se tornará mais complexa. Portanto, é preciso partir daí. Para que, com diálogo e coesão, possamos encontrar juntos maneiras de conviver entre diferentes, perante as situações apresentadas em tempos difíceis como este, é preciso combater primeiramente todos os mecanismos e atitudes que fazem com que cidadãos globais, mesmo que refugiados, estejam isolados e se percebam como ameaças, improdutivos e indesejados. Refugiados podem e devem ser incorporados à Nação e aproveitados de maneira ativa, contribuindo para movimentar a economia e pensar em ações que melhorem a convivência entre as pessoas, inclusive para o país onde se instalam.

O TRABALHO DO DESIGN FRENTE OS PROBLEMAS DOS REFUGIADOS

O Design, por sua vez, é uma atividade que age em conjunto com outras áreas do conhecimento e “dispõe de instrumental para atender necessidades diversas da sociedade, das mais básicas às mais requintadas, das mais mecânicas às mais transcendentais” (Damazio, 2001). Segundo Jorge Frascara, “design tem de ser relevante, de modo a elevar-se acima de modas e modismos e penetrar em todas as dimensões da vida, com vista a melhorá-la.”.

Ainda em seu artigo *The Dematerialization of Design*, Frascara faz uma distinção entre problemas complicados e problemas complexos. Nesses termos, a situação dos refugiados seria complexa porque apresenta

“aspectos que interagem com aspectos e constantemente mudam, prevenindo-nos do desenvolvimento de uma perfeita descrição, definição ou explicação da situação. Nossas relações com o complexo estão sempre num estado de fluxo. Para um designer, é importante distinguir problemas complicados de problemas complexos; enquanto o primeiro pode ser confrontado em uma parte por vez, o segundo demanda uma intervenção holística. Trabalhar num problema complexo com apenas uma das partes poderia ser perigoso: as consequências poderiam criar resultados negativos e inesperados.” (Frascara, 2006, webpage)

Dessa maneira, o problema dos refugiados se faz complexo porque há várias partes envolvidas: os Estados, estatutos, leis e tratados internacionais, nativos dos países de destino que têm medo e receios, barreiras culturais (diferenças linguísticas e de valores), etc.

Por isso são necessárias estratégias que representem um conjunto de ações que mobilize toda sociedade civil, Estados, empresas e ONGs partindo do princípio da alteridade e empatia, a fim de que as dificuldades sejam minimizadas a partir dos valores humanos e, conforme seja possível, superadas em seus demais aspectos sem deixar o fator humanitário de lado.

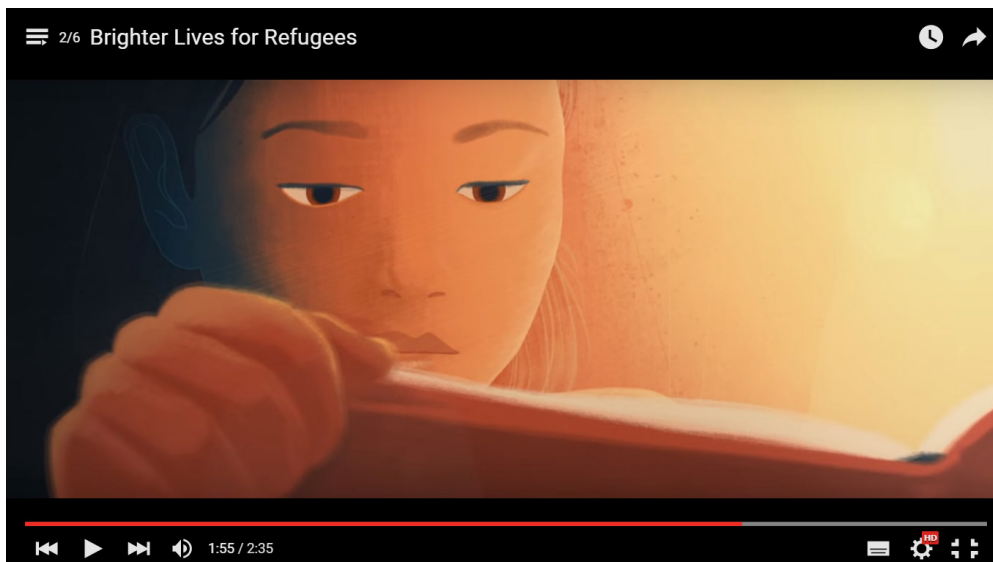
EXEMPLOS DE USO DO DESIGN PARA MINIMIZAR PROBLEMAS RELACIONADOS/ANÁLOGOS AO DOS REFUGIADOS.

A seguir foram listados produtos, serviços e campanhas que se utilizam de interfaces e plataformas projetados para promover a alteridade e empatia como estratégia de aproximar pessoas diferentes, ou obter ajuda para causas humanitárias:

ANIMAÇÃO:

Brighter Life for Refugees¹

É uma animação do canal da IKEA no Youtube, que trata da situação dos refugiados narrada por uma criança síria, que tem como finalidade divulgar uma campanha realizada pela empresa para ajudar a financiar projetos que levam energia a campos de refugiados através do ACNUR.



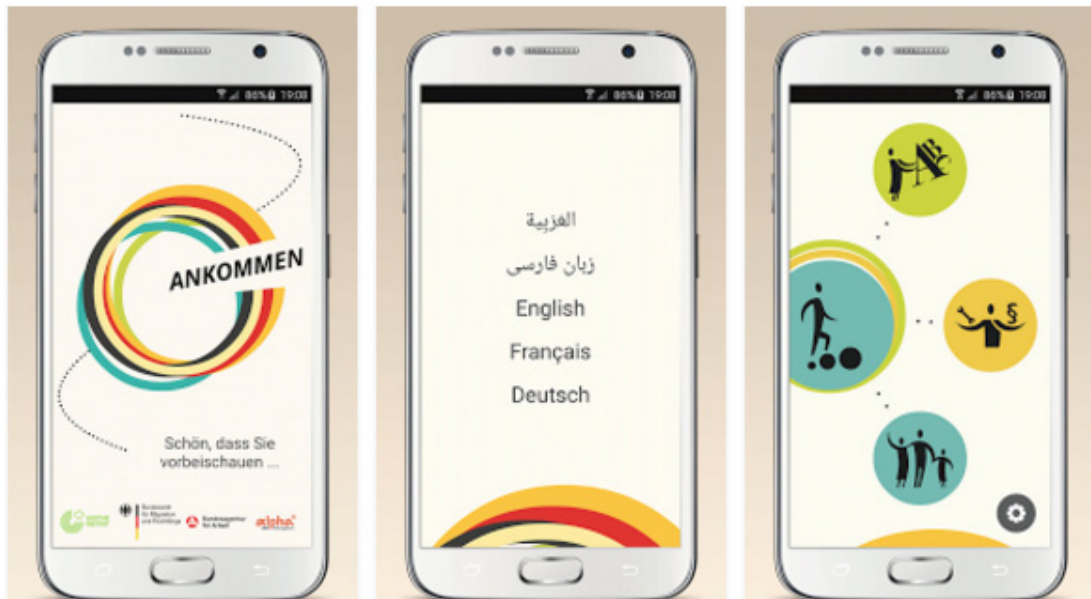
¹ Link de acesso:

<https://youtu.be/wKtwcakWnmM?list=PLZKweYqjSIQRKlkqAGsqXOfvdCTQtsRzi>

APLICATIVO:

Ankommen²

Aplicativo disponível no Serviço Federal de Migração e Refugiados da Alemanha. Tem como objetivo auxiliar o refugiado sírio em suas primeiras semanas. Através dele é possível aprender alemão, ter acesso às regras locais, dicas e informações importantes sobre o processo de asilo e meios de conseguir formação e trabalho. Está disponível em cinco línguas, é gratuito e pode ser usado offline.



²Disponível para download em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=de.br.ankommen>

CAMPANHAS

Small World Machines³

Campanha de promoção da Coca-Cola que utilizou um portal de comunicação ao vivo ligando estranhos em duas nações divididas por conflitos, com o intuito de promover momento de felicidade e compreensão cultural. Foi utilizada a tecnologia touchscreen 3D e câmera para captar vídeo e projetar em Livestream na tela da máquina localizada no outro país simultaneamente. Pessoas de ambas as nações foram incentivadas a concluir uma tarefa amigável juntos – fazer onda, tocar as mãos, desenhar um sinal de paz ou fazer um passo de dança – para que pudessem compartilhar uma Coca-Cola.



Love Has No Labels⁴

Campanha promovida pelo Ad Councils para promover empatia e alteridade nas pessoas. Representantes de casais homossexuais e novas formas de família, bem como exemplos de amizade entre pessoas com valores e religiões diferentes, que ficavam atrás de um monitor raio X o qual revelava quão semelhantes somos todos por dentro e que nenhuma diferenciação é suficiente para quebrar essa realidade.



³ Disponível em: <http://www.coca-colacompany.com/stories/happiness-without-borders/>

⁴ Disponível em: <http://lovehasnolabels.com/>

ABRIGO

Better Shelter

Better Shelter é um empreendimento social que desenvolve e fornece soluções habitacionais inovadoras para as pessoas deslocadas por conflitos armados e desastres naturais. Os diferenciais do projeto são as partes modulares e baixo custo de produção. Foi desenvolvido em parceria com os refugiados sírios.



SITE

Refugee Republic⁵

Site interativo que conduz a uma experiência, uma simulação de imersão em campo de refugiados sírios, retratado e ilustrado pelo artista Jan Rothuizen. É possível “escolher” entre opções de trajeto e simular um passeio pelos locais retratados além de conhecer histórias de pessoas, acompanhado de efeitos sonoros.



⁵ Acessível em: <http://refugeerepublic.submarinechannel.com/>

CONCLUSÃO:

A observação participante é um dos recursos possíveis empregados na metodologia do Design e se fez presente nos exemplos *Brighter Life for Refugees*, *Better Shelter* e *Refugee Republic*- projetos cujos designers foram até os campos de refugiados para realizar pesquisa junto a esse público. Isso ressalta a necessidade de aproximação entre designers e a realidade dos refugiados para criar produtos que busquem intervir e servir às suas necessidades ou adivinhá-las a quem não conhece o contexto de refúgio, com propósito de sensibilizar e pedir ajuda à causa.

Mesmo as campanhas que não foram projetadas diretamente para os refugiados sírios, como é o caso dos exemplos *Small World Machines* e *Love has no Labels*, que empregam a diversão, alteridade, empatia, integração e cooperação como estratégias para aproximar pessoas, são exemplos do potencial do Design para amenizar diferenças culturais e por isso são modelos de projetos interativos com essa finalidade.

A crise migratória dos refugiados de guerra é uma questão complexa que demanda discussões em várias instâncias, que necessita de estratégias e ações conjuntas que mobilizem todos os setores da sociedade, buscando atender as demandas do aumento populacional nos países que recebem os itinerantes em busca de uma vida digna. A solidariedade é importante nessa questão, sendo imprescindível para validar os princípios de preservação do direito à vida daqueles que estão mais fragilizados. O design tem potencial para atuar como uma poderosa ferramenta, aliado às políticas públicas e ações da sociedade civil para promover um mundo mais harmonioso e resiliente. Porém, ainda está longe de ser o solucionador de questões complexas, como a dos refugiados; pois demandam atuação de fatores alheios à prática do Design, como por exemplo: leis internacionais, estatutos e limitações transnacionais.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos reforça a urgência de atenção para os problemas dos refugiados espalhados pelo mundo.

Esse artigo visa encontrar continuidade após a conclusão do Projeto Final de graduação, sendo vinculado diretamente a ele como um exemplo da possibilidade da aplicação do design para a amenização da crise dos refugiados sírios.

O POTENCIAL DO DESIGN PARA REDUZIR OS IMPACTOS DA CRISE MIGRATÓRIA DOS REFUGIADOS DE GUERRA

- SOUZA, Paulo Renato. *Uma nova sociedade e uma nova educação*. REVISTA USP, São Paulo, n.74, p. 80-93, junho/agosto 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13604/15422>
- VIEIRA, L. *Os argonautas da cidadania - a sociedade civil na globalização*. São Paulo, Record, 2001.
- FRASCARA, J. *People-centered design. Complexities and uncertainties*. In: FRASCARA, J. (Org.). *Design and the Social Sciences: Making Connections*. Londres: Taylor & Francis, 2002, p. 33-39.
- FRASCARA, Jorge. *The Dematerialization of Design: A New Profile for Visual Communication Design*, 2006. Disponível em: <http://www.ico-d.org/connect/features/post/76.php>
- NOGUEIRA, Cristine; DAMAZIO, Vera. *Design e responsabilidade social*. Fundação Banco do Brasil, 2005.
- MORRIS, Mike Morris. *Concise Dictionary of Social and Cultural Anthropology*. New Jersey EUA, Wiley-Blackwell, 2012.
- TURNER, Bryan. *Citizenship and Social Theory*. Londres, Sage, 1993, p. 2.
- ARENDRT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense. Universitária, 2009.
- KRZYNARIC, Roman. *Empathy: Why It Matters, And How To Get It*. Londres, School of Life, 2015.
- ACNUR. *Estatuto dos Refugiados*, ONU, 1951. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1
- Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf
- ACNUR. *Descrição Oficial de 'Refugiado'*. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>